

*Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo.*

*Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Instituto di  
Psicosintesi, Florença, 1963 Lição II.1963*

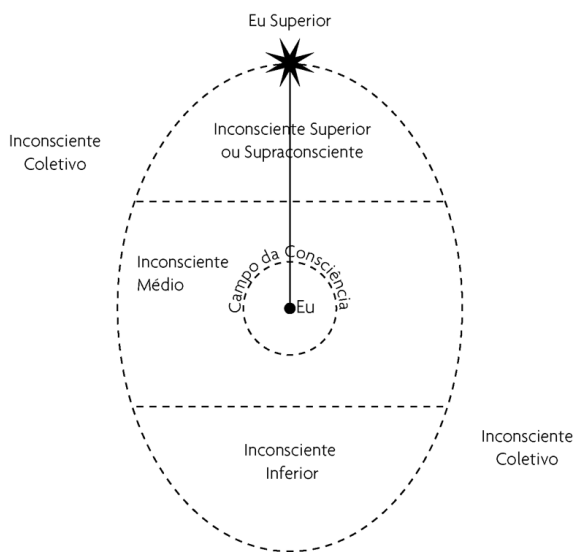
## **A Constituição Biopsíquica do Ser Humano**

(Anatomia e fisiologia da psique)

Roberto Assagioli

Segundo um dito chinês “Uma imagem vale mais que mil palavras”, e os publicitários são da mesma opinião, usam amplamente o poder sugestivo e evocativo das imagens.

Também na ciência é útil usar imagens, esquemas, diagramas sempre que possível, e eu adotei um para dar uma primeira ideia da constituição biopsíquica do ser humano.



O diagrama do ovo representa o conjunto do ser humano biopsíquico.

Como se pode ver é dividido em três partes com um círculo central no meio. Este círculo representa o campo da consciência, a parte consciente de nós, enquanto todo o resto representa a zona do inconsciente, das atividades psicológicas que se desenvolvem fora da nossa consciência. Ela é muito mais ampla do que a área da personalidade consciente e a desproporção é maior do que aparece neste esquema. Segundo alguns psicólogos noventa a noventa e cinco por cento da nossa vida psíquica desenvolve-se no inconsciente; daí a importância de conhecer o inconsciente tanto para nos defender quanto para utilizá-lo.

Ele é dividido em três zonas: inferior, médio e superior:

Do **inconsciente inferior** fazem parte, e nele têm origem, antes de tudo as atividades psíquicas elementares, ainda que admiráveis, que regulam a vida orgânica e a coordenação inteligente das funções fisiológicas. Isto é o aspecto biológico do nosso ser. Foi demonstrado que a atividade orgânica, biológica, é algo de inteligente, que a vida das células, de todos os órgãos do organismo como um todo tendem a um fim: conservação, desenvolvimento e manifestação da vida. Assim, alguns biólogos falam de psicobiologia, de biopsique, considerando inseparável vida e psique, vida e inteligência. De fato, se você observar a vida orgânica sem óculos ou antolhos materialistas, esta inteligência se revela em cada manifestação vital. Um organismo saudável constitui-se numa coordenação e numa admirável síntese de funções. Por isso a psique penetra profundamente e tem suas raízes no organismo físico, em cada órgão seu, em cada célula sua. Não posso agora deter-me sobre isto, uma vez que não é o nosso tema principal, mas existem muitas provas à favor desta concepção. Há uma ponte misteriosa que liga a psique ao corpo. A ação da psique sobre o corpo é de tal modo contínua, óbvia, evidente, que não nos impede de considerar qual mistério ela representa. Se quero levantar o braço, ele se levanta, mas como isso acontece? Quem pode dizê-lo? Muitos que não conhecem a anatomia e a fisiologia não sabem que para levantar o braço direito são estimuladas as células de uma certa zona do hemisfério cerebral esquerdo. Os porteiros utilizam eficazmente seus braços sem sabê-lo! Mas, à parte disto, como a minha intenção, a minha vontade de levantar o braço direito chega a estimular as células da zona motora do cérebro? Não se sabe como acontece e o mesmo se dá com as sensações. De trilhões de vibrações que chegam aos cones e bastonetes da retina e depois propagam-se através do nervo óptico e estimulam a zona occipital, sede da visão, como se produz a sensação de vermelho, amarelo ou verde? Mistério! Evidentemente deve ser uma ponte por nós ignorada e esta ponte é indicada pela natureza biopsíquica do organismo físico. Se matéria e espírito fossem duas entidades completa e absolutamente diferentes, não se poderia compreender como podem agir uma sobre a outra. Se, ao contrário admitirmos que existe esta unidade de natureza biopsíquica da matéria orgânica a coisa torna-se menos incompreensível, mas sempre misteriosa.

Além desta inteligência das células ou dos órgãos, há na parte inferior do inconsciente a sede ou a raiz de todos os instintos primitivos, mais ou menos ligados com a vida biológica.

Ademais nele formam-se os complexos psíquicos descritos pela psicanálise.

Além disso, no inconsciente inferior originam-se sonhos e atividades imaginativas de tipo elementar. Existem também várias manifestações patológicas como fobias e impulsos obsessivos, certos delírios e também várias formas de angústia. Enfim, certas atividades parapsicológicas espontâneas de caráter elementar.

No **inconsciente médio**, que está ao mesmo nível da nossa personalidade consciente, encontram-se os elementos psicológicos de natureza similar à consciência de vigília e facilmente acessíveis a esta. Nele acontece a elaboração das experiências feitas, a preparação de futuras atividades intelectuais e de outro tipo. Nele há o grande arquivo da memória. Este é um outro mistério! Seja como for, ai se todas as experiências do passado estivessem presentes na consciência de vigília! Criariam caos e

confusão. No entanto são conservadas na zona do inconsciente mais próxima da consciência de vigília e mais facilmente acessível a ela.

Neste ponto é oportuno um esclarecimento. Fala-se de inconsciente por comodidade e por brevidade de expressão, mas é preciso poupar-se do erro de considerar o inconsciente como uma entidade psíquica bem definida por si mesma e diferente ou oposta à parte consciente de nós. Chamá-lo de “inconsciente” tende facilmente a produzir esta confusão, este erro. Eu diria que de Freud a Jung, os maiores descobridores do inconsciente, também incorreram neste erro. Fala-se de inconsciente com se fosse algo diferente, isolado, atribuem-se a ele qualidades diferentes às da personalidade consciente. Ora, isto não é exato. “Inconsciente” não é substantivo, é adjetivo: qualifica uma condição transitória de certos elementos ou de certas atividades psíquicas que não se encontram no campo iluminado da consciência. Há, porém, uma contínua osmose, uma contínua troca, uma entrada e saída de elementos, conteúdos psíquicos do inconsciente para o consciente e vice e versa; por isso no esquema são delimitados com uma linha pontilhada e não contínua. Suponhamos que eu queira recordar uma poesia só de memória. Antes de fazê-lo, esta poesia está no inconsciente, em seguida, quando a reinvoco ou a recito, passa para a parte iluminada da consciência, depois disto, quando a consciência passa a outro, ela retorna ao inconsciente. Portanto há uma contínua e ativa troca entre a zona média do inconsciente e o campo da consciência, mas, como teremos oportunidade de dizer nas próximas aulas, existem muitas vezes erupções do inconsciente inferior ou do inconsciente superior no campo da consciência.

Por isso, repito “inconsciente” é adjetivo. Esta é uma noção para se ter bem presente não somente pela sua verdade teórica, mas pelas consequências práticas, terapêuticas, educativas etc. que dela derivam. É verdade que não raro o afloramento ou a entrada de conteúdos inconscientes no campo da consciência são obstaculizados por conflitos e resistências de vários tipos, mas tais resistências podem ser superadas e é esta justamente a tarefa proposta pela psicanálise.

O **campo da consciência** é a parte da nossa personalidade da qual estamos conscientes em um dado momento. Nele desenvolve-se o contínuo alternar-se de elementos e de estados de animo de todo tipo: sensações, imagens, pensamentos, sentimentos, desejos, impulsos, que podemos observar, analisar e julgar. Poder-se-ia dizer que esta zona é um palco e o resto é o bastidor e que os personagens continuamente vêm dos bastidores ao palco, representam mais ou menos bem seu papel e se vão.

O **“eu” ou eu consciente** é representado pelo ponto ao centro. Aqui também se faz necessária uma distinção elementar, mas que, estranho dizer, geralmente não é feita nem mesmo pela maior parte dos psicólogos. O *eu* é muitas vezes confundido com o conjunto da personalidade consciente, mas na realidade é diferente desta como se pode, constatar com uma atenta introspecção. Outros são os conteúdos mutáveis da consciência, os pensamentos, os sentimentos etc., outro é o “eu”, a autoconsciência que os contém e os percebe. Sob certo aspecto esta diferença poderia ser comparada à existente entre a área iluminada de uma tela e as imagens cinematográficas que são projetadas. Mas em geral o homem que “se deixa viver”, que não se detém a examinar-se não faz esta distinção; ele identifica pouco a pouco a si mesmo com os conteúdos

mutáveis da própria consciência. Daí a confusão supracitada, e graves inconvenientes dos quais falaremos em seguida.

A zona mais alta do diagrama do ovo é o **inconsciente superior ou supraconsciente**. Dela procedem ou residem em estado latente, as intuições e as inspirações superiores, artísticas, filosóficas ou científicas, as criações geniais, os imperativos éticos, os impulsos à ação altruísta, os estados de iluminação, contemplação, êxtase. E também residem as energias superiores do espírito, as faculdades e os poderes paranormais, parapsicológicos do tipo elevado.

No cume do supraconsciente há uma “estrela”, que representa o que é chamado pela psicologia moderna de “EU” e que corresponde ao conceito tradicional de alma. O “eu” consciente do qual falamos, não somente é quase sempre confundido com o constante fluir dos conteúdos psíquicos, mas frequentemente parece apagar-se e desaparecer, (por exemplo, durante o sono, na perda dos sentidos, na hipnose) para depois retornar e reconhecer-se repentinamente sem saber como. É um mistério cotidiano ao qual não prestamos atenção porque estamos habituados, mas não sabemos explicar! Como assim, quando dormimos a consciência desaparece? Como assim, quando despertamos, reaparece a consciência e o senso de identidade pessoal do que éramos ontem ou anteontem? Este fato induz a admitir que “atrás” ou “acima” do “eu” consciente deva existir um Centro permanente, o verdadeiro EU ou Si mesmo. A realidade deste Si mesmo pode ser confirmada de várias maneiras. Acima de tudo pela experiência existencial. Muitos tiveram mais ou menos temporariamente esta experiência interna: a realização do EU, e ela tem para ele o mesmo grau de certeza que, para um explorador que a tenha percorrido, tem as selvas desconhecidas para os outros. Numerosos testemunhos de tal experiência do EU e dos estados de consciência com os quais está ligada, encontram-se, por exemplo, em **Cosmic Consciousness** do Dr. Bucke, em **Tertium Organum** de Ouspensky, e, **Mysticism** de Underhill e em outros livros. Mas a experiência do EU não se apresenta somente espontaneamente: pode ser favorecida ou provocada pelo uso de vários métodos de concentração ou de meditação, como as técnicas do Raja Yoga etc. Enfim do ponto de vista filosófico temos as doutrinas de Kant ou de Herbart as quais fazem justamente uma clara distinção entre o EU empírico e o EU numênico. É evidente a importância teórica e prática, espiritual ou educativa, do reconhecimento do EU e, portanto, dos métodos acima citados para adquirir a clara consciência. E um dos treinamentos que faremos aqui, em uma das próximas reuniões, contemplará justamente preparar e talvez produzir ao menos um primeiro grau de consciência do EU espiritual. Finalmente há o **inconsciente coletivo** que se pode chamar de a psique de grupo ou de massa. Também a linha externa que delimita todo o inconsciente é pontilhada para indicar que o delimita, mas não o separa completamente. Deveria ser considerada similar à membrana semipermeável que circunda as células e permite uma contínua e ativa troca de fluidos com o ambiente biológico constituído pelo corpo do qual fazem parte. De modo análogo desenvolvem-se contínuos processos de osmose psicológica seja entre os vários seres humanos, seja entre cada um deles e o ambiente psicológico geral, que Jung chamou inconsciente coletivo. Assim se explica a possibilidade, sobretudo de **comunicação** e também de comunhão íntima entre os seres humanos. A incomunicabilidade entre estes, do qual falam certas correntes existencialistas modernas e o solipsismo de alguns filósofos, são fundamentalmente erradas. A comunicação entre seres humanos ou psique coletiva é

contínua e é bom dar-se conta seja de seus aspectos positivos, seja dos negativos. A consciência destes últimos é necessária para não ser subvertida, como muitas vezes acontece, seja pelas correntes coletivas, seja da multidão, seja pelo conjunto das sugestões de massa que agora são assim tão fortes e que são criadas muitas vezes conscientemente pelos “persuasores ocultos”. Um exemplo é a publicidade, outro é a propaganda política. O conhecimento dos aspectos positivos é útil para afinar, tornar conscientes e promover sempre mais as comunicações entre seres humanos. Estas comunicações, repito, existem, mas são ainda hoje muito imperfeitas. Recordemos que também a luta, o conflito são um tipo de comunicação, se não houvesse relacionamento não haveria conflito. Romain Rolland chamou eficazmente, à época da primeira guerra mundial, “o abraço sangrento”. Dois lutadores se tocam, se abraçam, para jogar ao chão um ao outro. Uma grande parte das comunicações humanas são comunicações conflituosas; mas também nas comunicações positivas, por exemplo, nas afetivas, há uma quantidade de mal-entendidos, de ilusões, de erros, que produzem sofrimentos não necessários. Uma das contribuições mais benéficas da psicologia é justamente isto: ajudar a iluminar as ilusões, as confusões, os erros na comunicação para torná-la sempre mais consciente, clara, construtiva e criativa.

Retornemos um momento ao “eu” e ao EU que é de importância central. Este diagrama ajuda, entre outras coisas, a conciliar dois fatos que antes de tudo podem parecer contraditórios:

1º A aparente dualidade, a aparente existência de dois “eus”. De fato, é como se fossem dois “eus” uma vez que o “eu” comum ignora teoricamente ou praticamente o outro até conseguir negar-lhe a existência, e este último é latente, não se revela de modo direto à consciência.

2º A real unidade e unicidade do “EU”. Não existem verdadeiramente dois “eus”, duas entidades de todo diferentes ou separadas. O “EU” é um e tem somente diferentes graus de manifestação, de atuação, de consciência.

As posições sucessivas que podem ser e são tomadas, são estas: primeiro o “eu” consciente com uma mentalidade materialista expressa ou subentendida, nega a existência do EU espiritual, da alma. Depois, passa a admitir teoricamente que a alma possa existir, por ato de fé, mas sem saber nada. Em seguida adquire uma convicção real de “ter uma alma”; o homem considera-se um ser que tem alguma parte no céu, uma alma, sem dúvida, algo vago, mas que espera e crê que seja imortal: que se ele agir bem irá para o paraíso. Depois começam a ter mais ou menos parciais e fugazes **experiências** da Alma, do EU: em certos momentos o “eu” tem a intuição, o senso de experiência do EU. Como veremos, pode-se ter de dois modos: ou por uma descida de um jorro de força de luz espiritual do EU ao “eu” consciente, ou também por uma subida do centro de consciência ao longo do “fio” de ligação até o EU. São dois modos diferentes, em certo sentido opostos que porém podem associar-se.

Enfim temos estas experiências, de modo consciente, e assim frequentemente poder dizer com convicção: “EU sou o eu”, eu sou a Alma que tem uma personalidade. “Não sou uma personalidade que tem uma alma em alguma parte do céu, mas **sou**, me **reconheço** e me **afirmo como Alma**, com uma personalidade mais ou menos rebelde, mais ou menos imperfeita, mais ou menos em conflito com o EU”. O ponto limite de

chegada seria a plena unificação entre o EU espiritual e o *eu* consciente; a meta última da psicossíntese. Dificílimo chegar plenamente, mas já aproximar-se sempre mais é uma grande conquista.